

UNIVERSIDADE TIRADENTES

KARLA AMANDA PEREIRA DOS SANTOS

KARINE CARVALHO SANTOS

ROSÂNGELA NASCIMENTO MAGALHÃES

AVALIAÇÃO ESCOLAR E AFETIVIDADE

ARACAJU
2008

KARLA AMANDA PEREIRA DOS SANTOS
KARINE CARVALHO SANTOS
ROSÂNGELA NASCIMENTO MAGALHÃES

AVALIAÇÃO ESCOLAR E AFETIVIDADE

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado à
Universidade Tiradentes como um dos pré-
requisitos para obtenção do grau de Licenciatura
Plena em Pedagogia.

ORIENTADORA: Professora Esp. Vanda Maria Salmeron.

ARACAJU
2008

AValiação ESCOLAR E AfETIVIDADE

Karla Amanda Pereira dos Santos.¹
Karine Carvalho Santos.²
Rosângela Nascimento Magalhães.³
Vanda Maria Salmeron.⁴

RESUMO

O presente artigo apresenta uma pesquisa bibliográfica feita sobre o processo de avaliação da aprendizagem e afetividade, com o objetivo de compreender a mesma para que essa venha a ser melhorada pelos profissionais do ensino. A renovada concepção da avaliação proposta na educação atual encara a mesma como instrumento posto a serviço do processo de ensino aprendizagem, que se integra e forma parte das atividades diárias com relação à sala de aula. Isso tanto no âmbito familiar quanto no escolar, deve haver uma relação de afeto, pois é isso que ajudará a construir um ser humano psicologicamente saudável. No decorrer da pesquisa, abordamos a respeito da avaliação escolar, tipos de avaliação, avaliação quantitativa e qualitativa, afetividade na aprendizagem escolar, relação afetiva em sala de aula e afetividade na família. Viu-se que a prática da avaliação precisa ser melhorada para que essa não seja excludente e discriminatória.

Palavras – chave: Avaliação escolar, afetividade, avaliação quantitativa e qualitativa, família.

ABSTRACT

The present article presents a done bibliographical research on the process of evaluation of the learning and affectivity, with the objective to understand the same one so that this comes to be improved by the professionals of education. The renewed conception of the evaluation proposal in the current education faces the same one as instrument rank the service of the education process learning, that if integrates and forms part of the daily activities with regard to the classroom. In elapsing of the research, we approach regarding the pertaining to school evaluation, types of evaluation, quantitative and qualitative evaluation, affectivity in the pertaining to school learning, affective relation in classroom and saw that the practical one of the necessary evaluation to be improved so that this is not exculpatory and discriminatory.

Words - key: Pertaining to school evaluation, affectivity, quantitative and qualitative evaluation.

¹ Acadêmica do 6º período de Pedagogia da Universidade Tiradentes. E-mail: kapsantos@gmail.com.

² Acadêmica do 6º período de Pedagogia da Universidade Tiradentes. E-mail: k-rines@hotmail.com

³ Acadêmica do 6º período de Pedagogia da Universidade Tiradentes. E-mail: priviza03@yahoo.com.br

⁴ Orientadora do TCC. Esp. Em Educação e Mestranda em Ciências Sociais. E-mail: vandasalmeron@yahoo.com.br

INTRODUÇÃO

Através de nossa caminhada acadêmica e de nossa prática escolar, temos constatado que existem várias formas de avaliar os alunos. Partindo desse pressuposto, sentimos o imperativo de realizar a nossa investigação sobre a Avaliação escolar e afetividade.

O conceito de avaliação vem evoluindo com o percurso evolutivo do mundo educativo. Este conceito se origina no âmbito educativo, vinculado desde princípio do século XX diretamente com a apreciação, mediante provas de resultados dos alunos em suas diferentes disciplinas.

Esse artigo poderá servir para despertar a reflexão das atitudes dos pais e principalmente dos professores envolvidos no processo ensino e aprendizagem, já que todos têm certo receio quando sabem que estão sendo avaliados. O professor deve ter a intenção de desenvolver estratégias pedagógicas de maneira que os alunos sintam-se à vontade e possam perceber que o período de avaliações nada mais é do que uma etapa do processo, e não um jogo de tudo ou nada, em que ele se veja como à beira de um abismo, a ponto de ser empurrado.

Para elaboração deste trabalho, utilizamos pesquisa bibliográfica, que contribuiu para subsidiar, aprofundar e questionar a avaliação aplicada na maioria das escolas. Na opinião de Lakatos (1992, p. 47), “deduz-se, que a pesquisa, especialmente a bibliográfica, é o primeiro passo, requisito indispensável na evolução da construção do conhecimento”. A pesquisa leva a discussão do material pesquisado, mas, para que os objetivos sejam alcançados, não se pode dispensar a reflexão.

O artigo está dividido da seguinte forma, no primeiro momento procuramos abordar os pressupostos teóricos do conceito de avaliação escolar, em seguida os tipos de avaliação destacando: a avaliação diagnóstica, avaliação formativa reguladora, avaliação somativa, avaliação classificatória, a avaliação reflexiva e dialogada, além da avaliação quantitativa e qualitativa. Como também abordar a questão da afetividade na aprendizagem escolar e a relação afetiva em sala de aula que está relacionada ao processo avaliativo no intuito de melhorar o processo de aprendizagem do educando e a importância da família na concretização da relação afetiva.

Entretanto percebemos que a avaliação como vem sendo feita serve meramente para atribuir uma nota cumprindo com as normas da instituição: uma avaliação quantitativa e eliminatória.

A partir do momento que o professor observa o erro como dificuldade que o aluno apresenta estará realizando um ato de inclusão respeitando e auxiliando o aluno a superar as suas dificuldades e conseqüentemente valorizando sua auto – estima e o seu potencial como ser humano.

AVALIAÇÃO ESCOLAR

No Dicionário Básico da Língua Portuguesa, Ferreira (1995, p. 205) refere que avaliação é um “Ato ou efeito de avaliar (-se). Apreciação, análise. Valor determinado pelos avaliadores”. Avaliar é “determinar a valia ou valor de”. Apreciar ou estimar o merecimento de. Calcular, estimar, computar. “Fazer a apreciação; ajuizar: avaliar as causas, de merecimentos”.

Por outro lado, Luckesi (1995, p.69) entende “avaliação como um juízo de qualidade sobre dados relevantes, tendo em vista uma tomada de decisão”. Estes são os elementos que compõem a compreensão constitutiva da avaliação.

Já no dicionário Aurélio, avaliar significa: determinar a valia ou o valor de; apreciar ou estimar o merecimento de; determinar a valia ou o valor, o preço, o merecimento, calcular, estimar, fazer a apreciação: ajuizar. Medir significa: determinar ou verificar, tendo por base uma escala fixa, a extensão, medida, ou grandeza de; comensurar; ser a medida de.

A avaliação tem sua origem na escola moderna com a prática de provas e exames que se sistematizou a partir do século XVI e XVII, com a cristalização da sociedade burguesa. No século XVI a pedagogia jesuítica, apesar do rigor nos procedimentos para um ensino eficiente, buscando a construção de uma hegemonia católica, tinha uma atenção especial com o ritual das provas e exames. Estes se caracterizavam por sessões solenes com formação de bancas examinadoras e comunicação pública dos resultados. No século XVII a pedagogia comeniana, dá atenção à ação do professor como centro de interesse à educação, mas também utiliza os exames como forma de estímulo aos estudantes para o trabalho intelectual da aprendizagem.

A avaliação é um exercício mental que permite a análise, o conhecimento, o diagnóstico, a medida e/ou julgamento de um objeto. Esse objeto deve ser a própria realidade e daqueles que a fazem. Avaliar seria um processo de autoconhecimento e, também, o conhecimento da realidade e da relação dos sujeitos com essa realidade. Seria um processo de análise, julgamento, re-criação e/ou ressignificação das instituições que fazem parte dessa realidade e das pessoas que a mantêm.

TIPOS DE AVALIAÇÃO

A **Avaliação Diagnóstica** tem dois objetivos básicos, identificar as competências do aluno e adequar o aluno num grupo ou nível de aprendizagem. No entanto, os dados fornecidos pela avaliação diagnóstica não devem ser tomados como um "rótulo" que se cola sempre ao aluno, mas sim como um conjunto de indicações a partir do qual o aluno possa conseguir um processo de aprendizagem.

Segundo Luckesi (2003, p. 44), a avaliação diagnóstica será, com certeza, um instrumento fundamental para auxiliar cada educando no seu processo de competência e crescimento para a autonomia, garantindo sempre relações de reciprocidade e não subalternidade. Tenta-se identificar um perfil dos sujeitos antes de iniciar qualquer trabalho de ensino, sem o que, com certeza, estaria comprometido todo o trabalho futuro do professor. O diagnóstico é o momento de situar aptidões iniciais, necessidades, interesses de um indivíduo, de verificar pré-requisitos. É, antes de tudo, momento de detectar dificuldades dos alunos para que o professor possa melhor conceber estratégias de ação para solucioná-las.

Outro tipo de avaliação é a **avaliação formativa reguladora** que contribui para melhorar a aprendizagem. Informa o professor sobre o desenvolver da aprendizagem e o aluno sobre os seus sucessos e fracassos, e o seu próprio caminhar. Assim, proporciona, por exemplo: segurança e confiança do aluno nele próprio; *feedback* ao dar rapidamente informações úteis sobre etapas vencidas e dificuldades encontradas; diálogo entre professor e aluno bem fundamentado em dados precisos e consistentes.

A avaliação formativa reguladora traz as informações para fazer as regulações no trabalho do professor e da professora em função do desenvolvimento dos educandos, conscientizando-os dos seus percursos de aprendizagens. “Ela torna-se (...) instrumento privilegiado de uma regulação contínua das diversas intervenções e das situações didáticas” (Perrenoud, 1999, p. 14) que possui as seguintes características: democrática, constante, contínua e diversificada, sistemática (metódica) e intencional. Democrática por ser o território em que os educandos têm a oportunidade de aplicarem seus conhecimentos e apresentarem suas dúvidas, inseguranças, incertezas.

Destacando ainda a **avaliação somativa**, é uma avaliação que dá o resultado integral e final, em um tempo pedagógico determinado da interação entre docentes, conteúdos, objetivos, metodologias e educandos. Com sua aplicação busca-se traduzir, de uma forma

quantificada, à distância em que o avaliado permaneceu em relação a uma meta que se arbitrou ser importante atingir. Essa avaliação tem lugar em momentos específicos ao longo de um curso, como por exemplo, no final de um período ou ano letivo.

Nesse tipo de avaliação a responsabilidade do seu fracasso ou êxito é do próprio aluno, considerando que é missão da escola, além de ensinar, selecionar os mais aptos. Nesse modelo não se questiona a adaptação de currículo, metodologias ou relação pedagógica às necessidades específicas dos alunos. Se a escola, instituição ou professores admitem a possibilidade de que lhes cabe uma quota de responsabilidade nos resultados obtidos pelos alunos, então o modo como se orienta o processo educativo e a avaliação adquire outros significados.

Outra que devemos destacar é a **avaliação classificatória**, utilizada apenas como instrumento de classificação e tende a descomprometer a equipe escolar com o processo de tomada de decisão para o aperfeiçoamento do ensino, que é a função básica da avaliação. Através de uma visão mecanicista em que o professor, através da sua autoridade, é o único dono do saber, e utilizando-se de livros e apostilhas que são reproduzidas em provas e trabalhos, mantém os alunos passivos, acatando suas verdades. Mantém, assim, o aluno com uma única visão, a de estudar apenas para obter bons resultados para passar de ano, sem uma reflexão que identifique se houve aprendizagem, ou seja, como diz Hoffmann (1993, p. 74) “o cotidiano da escola desmente um discurso inovador de considerar a criança e o jovem a partir de suas possibilidades reais”. Através dessa acabamos esquecendo que tanto educandos como educadores são seres pensantes. Entretanto, pode ser adotada na escola uma avaliação reflexiva e dialógica.

A avaliação assume a função comparativa e classificatória”. Perrenoud (1999) também tem a mesma opinião quando escreve que a teoria avaliativa já avançou muito, mas o fazer avaliativo no cotidiano da escola ainda traz resquícios de uma avaliação mensuradora e coercitiva.

AVALIAÇÃO QUANTITATIVA E QUALITATIVA

A avaliação é sempre uma atribuição de qualidade a alguma coisa, experiência, situação, ação, vale dizer, o ato de avaliar incide sempre sobre alguma coisa que existe extensiva e quantitativamente.

Os conceitos de avaliação quantitativa e avaliação qualitativa nasceram de uma distorção no entendimento dos dispositivos da Lei 5692/71, em nosso meio escolar, entendeu-se que qualitativo seria o afetivo e quantitativo o cognitivo. A Lei dizia que qualitativo, entendia o aprofundamento seja da assimilação de uma informação, seja de uma habilidade, seja de um conjunto de procedimentos, ou elementos semelhantes, ou seja, a preciosidade do desenvolvimento.

Essa Lei trata do tema da aferição do aproveitamento escolar, afirmando que é preciso levar em conta predominantemente os aspectos qualitativos sobre os quantitativos.

Avaliação, para ser constitutivamente avaliação, só pode ser qualitativa. Levando o aluno a participar ativamente das aulas, desenvolvendo habilidades antes não conhecidas por ele próprio, dando gosto e interesse pelas aulas. Tornando-o um ser crítico e participativo, para isso é necessário mudar e repensar a maneira de avaliar, a forma de utilização das avaliações e ministrações das aulas, produzindo novas práticas avaliativas.

A questão da qualidade do ensino deve ser analisada em termos objetivos efetivamente perseguidos no sentido do desenvolvimento máximo possível dos alunos, à aprendizagem, no seu sentido amplo, alcançada pela criança a partir das oportunidades que o meio lhe oferece. (HOFFMANN, 1993, p. 31, Avaliação Mito e Desafio: Uma Perspectiva Construtivista).

A avaliação qualitativa está enfatizada na produção do conhecimento como processo realizado por seres humanos em interação, que ao conhecer, se conhecem, ao produzir, se produz, ao viver vai esgotando as possibilidades de vida individual.

A avaliação é uma atividade permanente no trabalho do professor, acompanhando passo a passo o processo de ensino-aprendizagem. Pela avaliação é possível analisar os

resultados pelo aluno, comparando-os aos objetos propostos, verificando os progressos e dificuldades. Os resultados da avaliação são transformados em notas ou conceitos.

Os resultados da avaliação, no entanto, não se resumem apenas às provas transformadas em notas. Estas servem apenas para apreciação qualitativa.

A partir de uma abordagem subjetivista o objeto do conhecimento desaparece e o sujeito passa a ser valorizado a partir de suas experiências, valores e das suas condições emocionais, capaz de construir sua própria resposta, ao invés de submeter-se a uma resposta já fabricada.

Já a avaliação quantitativa tem sido constantemente associada a expressões como: fazer prova, fazer exame, atribuir notas, repetir ou passar de ano. Esta associação, tão freqüente em nossa escola é resultante de uma concepção pedagógica arcaica, porém tradicionalmente dominante. Nela a educação é concebida como mera transmissão e memorização de informações prontas e o aluno é visto como um ser passivo e receptivo, julgado por sua capacidade de repetir resposta pronta, tornando-se incapaz de produzir sua própria resposta.

Para alguns professores as mudanças comportamentais dos alunos devem ser observadas e sempre que possível quantificadas. Isto explica a valorização dos testes e provas aplicadas para avaliar o aluno. Com isto formaram-se critérios formalistas para definição e seleção de um bom professor.

Servindo também para provar o domínio entre os alunos, surgindo um clima de disputa entre os mesmos, com isso, aquele que não consegue alcançar à média sente-se desrespeitado e conseqüentemente se isola do grupo.

Os instrumentos de avaliação viabilizam o distanciamento entre o sujeito que conhece, neste caso a professora que avalia, do objeto de conhecimento, aqui representado pelo estudante que está sendo avaliado. (ESTEBAN, 2003, p.16, Repensando o Fracasso Escolar)

Os diversos tipos de instrumentos auxiliam o educando a assimilar a herança cultural do passado, para, ao mesmo tempo, incorporá-la, superá-la e reinventando-a.

Em termos gerais a avaliação é um processo de coleta e análise de dados, tendo em vista verificar se os objetivos propostos foram atingidos, sempre respeitando as características

individuais e o ambiente em que o educando vive. A avaliação deve ser integral considerando o aluno como um ser total e integrado e não de forma fragmentada.

Dentro dessa visão, em que educar é formar e aprender é construir o próprio saber, a avaliação contempla dimensões, e não se reduz apenas em atribuir notas.

AFETIVIDADE NA APRENDIZAGEM ESCOLAR

Para que a aprendizagem aconteça é necessário que se institua em um ambiente onde o ajustamento afetivo seja a condição primordial. Os estudos dos teóricos sobre afetividade servem de base para este trabalho, e a partir da prática, percebemos a interação que existe entre o ambiente familiar e a escola como o segundo ambiente socializador.

De acordo com a teoria de WALLON (1981), o estudo das emoções demonstra a natureza contrária às emoções, que tem origem na consciência, quando transpõe a passagem do mundo orgânico para o social, isto é, do plano fisiológico para o psíquico.

Desta forma, a caracterização que apresenta a atividade emocional é complexa e paradoxal, ela é simultaneamente social e biológica em sua natureza; realiza a transição entre o estado orgânico do ser e a sua etapa cognitiva, racional, que só pode ser atingida através da mediação cultural, isto é, social.

A afetividade, nesta perspectiva, não é apenas uma das dimensões da pessoa, ela é também uma fase do desenvolvimento, a mais arcaica. O ser humano foi, logo que saiu da vida puramente orgânica, um ser afetivo.

Segundo as teorias de VYGOTSKY (1991), o educando é aquilo que ele realizará, e não o que recebe. Dessa forma, modificam-se quando são agentes de suas iniciativas, compreendendo que é circunstância do aluno educar a si mesmo, mas para isso é necessário que os professores ao executarem seu papel saibam como se aproximarem das crianças, e não transmitam informações de forma robotizada.

O pensamento de Vygotsky sobre a importância da mediação no desenvolvimento da aprendizagem constitui uma fundamental contribuição para a Pedagogia do Afeto.

De acordo com esse pensamento é que existe a preocupação, tanto com a avaliação da capacidade cognitiva do aluno, como com a avaliação das práticas educativas a que estão sujeitas. São estas idéias de pedagogia afetiva que Vygotsky procurou mostrar.

Vygotsky ainda enfatizava o processo histórico-social e o papel da linguagem no desenvolvimento do indivíduo. Sua questão central é a aquisição de conhecimentos pela interação do sujeito com o meio. Para o teórico, o sujeito é interativo, pois adquire conhecimentos a partir de relações intra e interpessoais e de troca com o meio, a partir de um processo denominado mediação. O autor sugeriu uma nova perspectiva de olhar às crianças. Ao lado de colaboradores como Luria, Leontiev e Sakarov, entre outros, apresenta-nos

conceitos, alguns já abordados por Jean Piaget, um dos primeiros a considerar a criança como ela própria, com seus processos e nuances, e não um adulto em miniatura.

Até mesmo na fundamentação teórica sobre a sexualidade da criança nos estudos de Freud enfatiza que há alguns tempos atrás não se conversava com crianças sobre sexo. Na verdade as crianças cresciam tentando descobrir o sexo, buscando leituras furtivas e ouvindo de amigos informações inadequadas, nas quais acham que são corretas.

Nesse sentido, a criança precisa envolver-se em um ambiente escolar de modo a sentir-se acolhida em todos os sentidos, para que seja possibilitado seu desenvolvimento em sua totalidade, sem descaracterizar suas origens.

A adaptação ao ambiente escolar, principalmente no início da escolarização, bem como as exigências demandadas por ela, pode ser motivo de muitas angústias e geradora de insegurança por parte dos sujeitos envolvidos nesse processo, que se vêem obrigados a corresponder às exigências tanto dos pais quanto dos educadores. Seu desempenho, sempre colocado à prova, é visto como motivo de status e aceitação, tanto por parte dos adultos como por seus pares.

Passar por uma situação de fracasso ou que coloque sua capacidade em dúvida pode gerar um desconforto e um sentimento de desvalorização, que uma vez prolongado pode gerar problemas mais sérios de adaptação da conduta, além de afetar de maneira intensa a confiança e o valor atribuído a si mesmo. (MARTINELLI, 2001, p.114, Dificuldades de Aprendizagem no Contexto Psicopedagógico)

Portanto, a criança deverá sentir-se segura, acolhida e protegida por todos envolvidos no seu processo de aprendizagem, e para tanto é necessário que a família, comunidade e escola estejam sempre presentes.

Partindo dessa teoria, verificamos a real necessidade da participação de que todos estejam comprometidos, e com o mesmo objetivo, demonstrando afetividade para que a criança possa ter condições de desenvolver plenamente seu cognitivo e conseqüentemente avançar no seu processo de aprendizagem através de uma avaliação que respeite as diferenças e oportunize condições contextualizadas para o seu crescimento afetivo, cognitivo e social.

RELAÇÃO AFETIVA EM SALA DE AULA

A nova Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), a Lei 9.394/96, nos oferece os dois mais importantes princípios da afetividade e amor no âmbito escolar, o respeito à liberdade e o apreço à tolerância, que são inspirados nos princípios de liberdade e nos ideais de solidariedade humana. Ambos têm por fim o pleno desenvolvimento do educando, seu preparo para o exercício da cidadania ativa e sua qualificação para as novas ocupações no mundo do trabalho.

É de conhecimento de todos que o papel do professor mudou muito desde o final do século XIX, inclusive suas nomenclaturas de educador para facilitador. É também expressivo o conhecimento de que as atitudes do educador influenciam no modo de ser, de agir dos alunos de modo geral. Esse novo paradigma vem acompanhado de mudança de perfil sócio-político-econômico do profissional.

Em estudos sobre a teoria das inteligências múltiplas Gardner (2002, p. 46) classifica uma delas como inteligência interpessoal, que é a capacidade de entender as interações e os desejos dos outros. Com esse estudo, foram observadas diferenças no humor, no temperamento, nas motivações e nas habilidades. Incluindo também a capacidade para formar e manter relacionamentos e para assumir vários papéis dentro dos grupos sociais. Quem possui essa inteligência consegue prever e compreender o ambiente social, considerando as conseqüências de suas ações, antecipando o comportamento dos demais.

Conseqüentemente enfrenta com sucesso as diversas situações que estão envolvidas no campo dos relacionamentos interpessoais e afetivos, tão importantes para sua vida. É provável, que uma pessoa que tenha essa inteligência bem desenvolvida seja ligada aos pais e interaja com as outras pessoas, formando e mantendo relacionamentos sociais, percebendo os sentimentos, os pensamentos, os comportamentos de outras pessoas com grande facilidade. Participa do esforço cooperativo e assume vários papéis, adaptando seu comportamento em diferentes ambientes ou grupos. Influencia nas opiniões ou ações de outras pessoas com desenvolvida habilidade de mediação, compreende e comunica-se de modo tanto verbal quanto não verbal.

Segundo Gardner (2002, p. 16) os professores seriam dotados dessa inteligência. Possui algumas das expectativas necessárias que possibilitam sua comunicação entre as pessoas, facilitando a transmissão de conhecimentos aos seus educandos e conseqüentemente

sua aprendizagem. É a partir da observação e da interação que o educador perceberá os diferentes interesses e necessidades dos alunos, refletindo sobre as ações específicas de cada educando.

Por tudo isso, o papel do professor tornou-se ainda mais importante. O ato de ensinar, de aprender e, junto com os alunos, descobrir novos e maiores horizontes passou a exigir ainda maior empenho e dedicação no mundo globalizado, para que o professor consiga cumprir o seu compromisso de preparar de forma ampla para a vida cada um de seus alunos, é preciso ter em mente mais do que um bom projeto pedagógico, um bom aparato didático, é indispensável ao afeto”. (CHALITA, 2001, p. 145, Educação: a solução está no afeto)

O aluno também não é mais o mesmo. Ele interage com o mundo recebendo informações cotidianas através dos mais variados meios de comunicação. Ele necessita desse processo para ativar seu conhecimento, movimentar seu corpo mobilizando-se a aprendizagem.

Esse corpo que aprende não é só a sede das coordenações, mas é também a sede das ressonâncias afetivas, sentimos com o corpo. Todos os afetos (sentimentos, emoções) são sentidos com o corpo. Tudo ressoa no corpo. Quer dizer que, em cada movimento, ao mesmo tempo ressoa corporalmente um sentimento. (PAIN, 1996, p. 75, Subjetividade, Objetividade: relação entre desejo e conhecimento).

Essa relação estabelecida entre movimento e aprendizagem é percebida nas fases descritas por Piaget. A criança interage, e assim estrutura-se em decorrência das relações positivas ou não ali estabelecidas. Na sala, o aluno deve ser desafiado a movimentar-se em direção ao conhecimento, desejar tê-lo, revelando assim prazer para aprendizagem.

A afetividade tem um respaldo significativo sob a avaliação do aluno como um todo, devendo ter como aspecto fundamental, alcançar os objetivos do processo de ensino dentro dos fatores cognoscitivos e sócio-emocionais, intimamente ligados à interação professor-aluno. “(...) a afetividade depende, para evoluir, de conquistas realizadas no plano da inteligência, e vice-versa.” (DANTAS, 1992, p. 90)

Para Piaget (1980), cada vez que se ensina prematuramente a uma criança algo que ela poderia ter descoberto por si, esta criança foi impedida de inventar, e conseqüentemente de entender completamente. Diante desta perspectiva, a relação professor e aluno na sala de aula necessitam de novas posturas, tais como:

- a) Diálogos incessantes com os mitos sobre os poderes e verdades e as hierarquias do saber;
- b) Exercícios constantes de “escuta”, da busca da relatividade, da possibilidade de se colocar no lugar do outro;
- c) Encontro com os limites, valorizando a complementaridade e se construindo através dela;
- d) A busca de um novo paradigma, uma nova postura, diante da hierarquia e isolamento dos “saberes” e diante do olhar fragmentado do ser que aprende.

Para isso, a avaliação escolar deve ser mais estudada e detalhada cientificamente, buscando considerar relações de afetividade entre professor e aluno que possam ser garantidas dentro das variadas formas de avaliação. A afetividade, além de ser uma das dimensões da pessoa, é uma das fases mais antigas do desenvolvimento, pois o homem logo que deixou de ser puramente orgânico passou a ser afetivo e, da afetividade, lentamente passou para a vida racional. Nesse sentido, a afetividade e inteligência se misturam, havendo o predomínio da primeira e, mesmo havendo logo uma diferenciação entre as duas, haverá uma permanente reciprocidade entre elas.

AFETIVIDADE NA FAMÍLIA

A família é a primeira, a mais importante instituição educadora na vida da criança. É fundamental que os pais assumam sua responsabilidade, enquanto orientadores que são dentro do lar, conversem, orientem e ouçam seus filhos, para que eles aprendam com seus familiares de forma descontraída, pois, na família, a aprendizagem é espontânea, livre e significativa. Sendo assim, a família e a escola devem estar em constante interação, pois isto permitirá à criança um desenvolvimento cognitivo maior e um ajustamento social, cultural e emocional mais adequado.

Família é um conjunto de pessoas que se unem pelo desejo de estarem juntas, de construir algo e de se complementarem. É através dessas relações que as pessoas podem se tornar mais humanas, aprendendo a viver o jogo da afetividade de maneira adequada. Mas para que essa adequação ocorra é preciso que haja referências positivas, cuidadores encarregados de estabelecer os limites necessários ao desenvolvimento de uma personalidade emocionalmente equilibrada.

A afetividade é um componente básico do conhecimento e está intimamente ligado ao sensorial e ao intuitivo. A afetividade se manifesta no clima de acolhimento, de empatia, inclinação, desejo, gosto, paixão, de ternura, da compreensão para consigo mesmo, para com os outros e para com o objeto do conhecimento. A afetividade dinamiza as interações, as trocas, a busca, os resultados. Facilita a comunicação, toca os participantes, promove a união. O clima afetivo prende totalmente, envolve plenamente, multiplica as potencialidades.

A família tem a função de sociabilizar e estruturar os filhos como seres humanos. Vários estudos e pesquisas têm demonstrado que jovens problemáticos são fruto de famílias que, independentemente do nível socioeconômico, não lhes ofereceram afetividade suficiente. A violência na infância e na adolescência, por exemplo, existe tanto nas camadas menos favorecidas como nas classes média e alta. O que faz a diferença é a capacidade de a família estabelecer vínculos afetivos, unindo-se no amor e nas frustrações.

A família é o âmbito em que a criança vive suas maiores sensações de alegria, felicidade, prazer e amor, o campo de ação no qual experimenta tristezas, desencontros, brigas, ciúmes, medos e ódios. É na família que se aprende a linguagem mais complicada da vida: a linguagem da afetividade-amor acompanhado de medo, raiva, ciúmes, brigamos mais

com quem mais amamos, ou seja, temos medo de perder as pessoas que mais amamos. Logo, é na família que se deve encontrar o maior dos amores e também o maior dos ódios.

Por isso, a família é o campo de ação de brigas e gritos, mas também do amor. Uma família sadia sempre tem momentos de grata e prazerosa emoção alternados com momentos de tristeza, discussões e desentendimentos, que serão reparados através do entendimento, do perdão tão necessário e da aprendizagem de como devemos nos preparar adequadamente para ser cidadãos sociáveis.

Quando falta a um jovem essa estrutura familiar (ausência de pai e mãe), outras pessoas (parentes ou mesmo a sociedade) poderão assumir o papel de cuidadores, respeitando as necessidades desse ser em formação, alguém que lhe proporcione a oportunidade de viver muito amor, acompanhado de medos, raivas e ciúmes.

Convém ressaltar que a tarefa de cuidar adequadamente de um ser em formação é extremamente difícil, pois exige dos educadores capacidade de lidar com os conflitos gerados pelos impulsos dos jovens em direção ao prazer imediato e às necessidades biopsíquico-sociais de cada momento.

Os adolescentes precisam de educadores (pais, professores) que lhes proporcionem a vivência da afetividade. É através de experiências vividas com os cuidadores que eles vão estruturar as relações que estabelecerão com a sociedade de modo geral. De acordo com Maldonado:

[...] Educar filhos é tarefa complexa: cada nova etapa do desenvolvimento da criança é um desafio à criatividade e à flexibilidade dos pais, pelo muito que eles exigem em termos de mudança de padrões de conduta e de atendimento às necessidades e solicitações dos filhos. A arte de educar consiste, sobretudo, na possibilidade de os pais crescerem junto com cada filho, respeitando e acompanhando a trajetória que vai da dependência quase total do bebezinho para a crescente autonomia e independência do filho quase adulto. (MALDONADO, 1981, p. 9)

Afetividade, apoio e cuidados dos pais são comportamentos decisivos para o desenvolvimento da maturidade, da independência, da competência, da autoconfiança, da autonomia nas futuras decisões e das responsabilidades. O amor é fator essencial para o desenvolvimento e equilíbrio do ser. Freire (1996, p. 120) nos revela que “uma das tarefas pedagógicas dos pais é deixar óbvio aos filhos que sua participação no processo de tomadas

de decisões deles não é uma intromissão, mas um dever até, desde que não pretendam assumir a missão de decidir por eles”.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Concluindo que a avaliação deve ser um processo e como tal ela deve estar presente no cotidiano escolar servindo como uma “via de mão dupla” entre avaliador e avaliado, o professor e o aluno, porém acima de métodos, critérios, etc., ela é uma questão de postura dos atores envolvidos no processo ensino-aprendizagem. Que o ensino não pode e não deve ser algo estático e unidirecional, devemos nos lembrar de que a sala de aula não é apenas um lugar para transmitir conteúdos teóricos; é, também, local de aprendizado de valores e comportamentos, de aquisição de uma mentalidade científica lógica e participativa, que poderá possibilitar ao indivíduo, bem orientado, interpretar e transformar a sociedade e a natureza em benefício do bem-estar coletivo e pessoal.

O professor deve ter a intenção de desenvolver estratégias pedagógicas de maneira que os alunos sintam-se à vontade e possam perceber que o período de avaliações nada mais é do que uma etapa do processo, e não um jogo de tudo ou nada, em que ele se veja como à beira de um abismo, a ponto de ser empurrado.

Desta forma, a avaliação e afetividade buscaram reforçar a idéia de que o aluno não deve ser avaliado pura e unicamente como uma média, ou com o aproveitamento restrito de metade do que o professor pôde lhe ensinar ou o que ele pode demonstrar através das respostas que escreve na prova. E sim um trabalho contínuo de acompanhamento que atenda as necessidades dos alunos trabalhando os erros dos alunos como forma de construção do conhecimento, assim o pai e o professor, educadores que são, devem entender que têm uma missão: construir um ser humano. Isso somente acontecerá pela obra do amor, amor esse que cobra, que é duro, que traz sofrimento e preocupação, mas, por outro lado, traz muito prazer e a realização do ato humano mais criador, fazer nascer um ser de verdade.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Lei 9.394, de 20 dezembro 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Ministério da Educação. Disponível em: <<http://www.mec.gov.br/legis/default.shtm>>. Acesso em: 09 jun. 2008.

BRASIL. Lei 5692, de 11 agosto 1971. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Ministério da Educação. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L5692.htm. Acesso em: 28 mai. 2008.

CHALITA, Gabriel Benedito Isaac. **Educação: a solução está no afeto**. São Paulo: Gente, 2001.

DANTAS, Heloysa. A afetividade e a construção do sujeito na psicogenética de Wallon. In: DE LA TAILLE, Piaget, Vygotsky e Wallon: teorias psicogenéticas em discussão. São Paulo: Summus, 1992.

ESTEBAN, Maria Teresa. Repensando o fracasso escolar. Cadernos CEDES 28. Campinas: Papirus, 1992, p. 75-86.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática de liberdade**. São Paulo: Cortez, 1996.

HOFFMANN, Jussara. **Avaliação Mito e Desafio: Uma Perspectiva Construtivista**. Porto Alegre: Educação e Realidade, 1993.

LUCKESI, Cipriano Carlos. **Avaliação da aprendizagem escolar: estudos e proposições** – 11. ed. São Paulo: Cortez, 2001.

MALDONADO, Maria Teresa. **Comunicação entre pais e filhos: a linguagem do sentir**. Rio de Janeiro: Vozes, 1981.

MARTINELLI, Selma de Cássia. **Dificuldades de Aprendizagem no contexto psicopedagógico**. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2001.

PAÍN, Sara. **Subjetividade, Objetividade: relação entre desejo e conhecimento**. São Paulo: CEUEC, 1996.

PERRENOUD, Philippe. **Avaliação: da excelência à regulação da aprendizagem** - entre duas lógicas, Artes Médicas, Porto Alegre.

PIAGET, Jean. **A Psicologia da Criança**. São Paulo: Difel, 1980.

SORDI, Maria Regina de. **A prática de avaliação do ensino superior: uma experiência na enfermagem**. São Paulo: Cortez/PUCCAMP, 1995.

VYGOTSKY, L. S. **A Formação Social da Mente**. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

WALLON, H. **A Evolução Psicológica da Criança**. Lisboa: Edições 70, 1981.